

CARLOS REVERBEL AMIGO DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO

Fausto José Leitão Domingues¹

Os livros de J. Simões Lopes Neto, enquanto ele viveu, foram todos eles publicados em Pelotas, sua terra natal, e todos pela editora de Echenique e Cia. O *Cancioneiro Guasca*, esforço de pesquisa e coleta folclórica, em 1910. Os *Contos Gauchescos*, com todo o talento de sua elaboração literária, em 1912. As *Lendas do Sul*, com irretocável estilização, em 1913. Diversos contos e duas lendas haviam sido divulgados antes em jornais pelotenses e na revista da nossa segunda Academia de Letras. Embora tenha anunciado outras obras, até hoje não localizadas, nestes três livros resumiu-se a sua produção regionalista e o momento máximo do seu labor literário. Provingo da aristocracia rural e de uma família tradicional, neto do Visconde da Graça e nome conhecido na comunidade, sua obra, apesar disso, não despertou maior atenção. Pelotas, marcada pelo apogeu das charqueadas que perdeu até o final do século anterior, ainda vivia instantes de fastígio e glória. Possuía teatros, clubes sociais, cursos superiores, diversos jornais, editoras, livrarias, um banco com capital local, fortunas consideráveis e, como consequência, uma sociedade requintada com marcantes estímulos europeus, vivendo ao sabor da *belle époque*. Considerada a “Atenas do Sul”, em permanente ebulição cultural, era o lugar adequado ao surgimento e difusão das mais variadas idéias e criações literárias, filosóficas e artísticas. Mas não seria receptiva, como de fato não foi, ao regionalismo de João Simões Lopes Neto. Naquele ambiente e momento histórico, sua prosa não extravasava senão uma inconsequente sensibilidade de galpão; o gênero gauchesco não ultrapassava as raías da vulgaridade; era reputado como produção inferior. Além disso, a sucessão de fracassos em seus empreendimentos e consequente empobrecimento contribuíram para o descrédito de sua imagem. O depoimento de Sylvio da Cunha Echenique, seu contemporâneo, também escritor e mais tarde Prefeito de Pelotas, é taxativo a respeito: *João Simões não era levado muito a sério pelos seus íntimos e conterrâneos*. Por tudo isso, enquanto o escritor viveu, muito escassas foram as manifestações públicas sobre a sua obra. Além de pequenos registros, em jornais pelotenses, na ocasião do lançamento dos seus livros, foram eles matéria de análise em apenas dois artigos críticos: um do militar e poeta pedritense Januário Coelho da Costa, no *Diário Popular*, de Pelotas, em 2 de novembro de 1912 e outro, no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em 7 de novembro de 1913, assinado

¹ Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

por Antonio Mariz, pseudônimo do jurista e historiador José Paulo Ribeiro.

Pobre e doente, Simões Lopes Neto veio a falecer, em Pelotas, com 51 anos de idade, em 14 de junho de 1916. Já vivia em casa de uma cunhada e deixava, praticamente sem recursos, a viúva, D. Francisca de Paula Meirelles Leite Simões Lopes e uma filha adotiva, Firmina Oliveira. Tão grave era a situação financeira que, pouco tempo depois, até o arquivo pessoal do escritor foi colocado à venda sem que aparecessem compradores a atestar que suas contribuições intelectuais ainda não despertavam qualquer interesse. Alguns poucos contos e lendas, nos anos que se seguiram à sua morte, foram reproduzidos em revistas e almanaques e o seu *Cancioneiro Guasca*, com supressões e acréscimos do seu próprio punho, mereceu reedições em 1917 e 1928. A crítica inicial, pouco consistente e profunda, partiu da pena não muito inspirada de João Pinto da Silva. E, na década de 20, ainda que contasse com o benfazejo aplauso de nomes que, no futuro, conquistariam celebridade como Augusto Meyer, Eduardo Guimarães e Darcy Azambuja, o exame interpretativo de sua obra continuava escasso, rarefeito, impreciso, conduzido, menos por convicção literária do que pelo embalo de um modernismo ufanista e pelo culto à novidade. A grande contribuição deste decênio foi, inequivocamente, a iniciativa de Mansueto Bernardi, então diretor do Almanaque do Globo e um dos atuantes colaboradores daquela empresa editorial, que possibilitou a publicação conjunta dos *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, em 1926. Nos anos trinta, tal qual andorinha solitária, surge um elogio à obra de Simões, inesperado e surpreendente, partindo de um dos mais cáusticos e ferinos críticos literários brasileiros, de cuja mordacidade nem mesmo o incomparável Machado de Assis conseguiu escapar. Refiro-me a Agrippino Grieco que, na sua *Evolução da Prosa Brasileira*, em pleno ciclo de avaliação corrosiva, dedica à obra do escritor gaúcho duas páginas de benevolentes conceitos. Palavras que reiteraria anos depois no livro *Poetas e Prosadores do Brasil*. Em meio a tão poucas referências, qualquer alusão, em especial partindo do centro nervoso da inteligência brasileira, merece ser inserida nas minguadas provisões do farnel que acolheu, naquela época, a crítica ao nosso escritor. Assim, também vale consignar a enquête promovida, lá no Rio de Janeiro, pela *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda. Incentivador cultural, que por 15 anos manteve este periódico, com parceiros da grandeza de um Carlos Lacerda e de um Mário de Andrade; ele resolveu pesquisar, inquirindo os maiores literatos do país, sobre os dez melhores contos da nossa literatura, causando estupefação que algumas produções do nosso regionalista tivessem obtido expressiva votação.

Não se pretende aqui desvendar o horizonte crítico da obra de João Simões Lopes Neto. Mas posso asseverar que o melhor ainda estava por vir.

Em sua 3ª fase, a *Revista do Brasil*, no Rio de Janeiro, notável fonte de difusão cultural entre nós, dirigida então por Octavio Tarquinio de Sousa, diretor da excelente Coleção de Documentos Brasileiros da Livraria José Olympio, e tendo como encarregado da parte redatorial e secretário nada menos que Aurelio Buarque de Hollanda, a partir do seu número 21, de março de 1940, esporadicamente, passou a publicar Simões Lopes Neto. Iniciou com o conto *O boi velho* e até o número 54, de junho de 1943, divulgou, entre contos e lendas, quatorze produções do escritor gaúcho. A mesma publicação, em março de 1941, dava publicidade a um artigo de Augusto Meyer, intitulado *A Salamanca do Jarau*, síntese da contribuição que apresentaria, oito anos depois, como introdução às *Lendas do Sul*, na edição conjunta da Editora Globo. Em entrevista a Homero Senna, o autor do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* afirmou que vira referência a Simões Lopes Neto, pela primeira vez, em fins de 1938, na *Revista Acadêmica* já citada; e tomou conhecimento da sua obra, através da edição conjunta de 1926, que conseguira emprestada. Não tenho dúvidas em afirmar que, neste exato momento, mais do que no âmbito regional, a obra de João Simões Lopes Neto começava a adquirir notoriedade. Prova disso é que, já no ano seguinte, em 1942, José Lins do Rego, autor que, em romances memoráveis, pintou o nordeste com suas nuances mais evocativas, publica, em um livro de ensaios críticos primorosos, sob o título de *Gordos e Magros*, sensatos comentários a respeito dos trabalhos do pelotense, induzido por conferência de Moysés Vellinho sobre Alcides Maya. Mais um ano transcorrido e surgia, agora sim, provindo de um autor rio-grandense, embora impresso em São Paulo, um pequeno livro contendo interpretações valiosas e altamente qualificadas sobre a obra do nosso maior regionalista. Com o selo editorial da Editora Martins, na sua coleção Mosaico, trazia o título de *Prosa dos Pagos* e a autoria do porto-alegrense Augusto Meyer. Já era ele conhecido por suas investidas poéticas, por um ensaio denso e competente sobre Machado de Assis e por alguns bons artigos na imprensa local e do centro do país. Neste livro, reafirmava, com todas as letras e maior ênfase, asserções contidas naquele artigo da *Revista do Brasil*. Sublinhava, salvo melhor entendimento, pela vez primeira, um dos traços mais identificadores e distintivos da ficção de Simões Lopes Neto: **a voz inconfundível do campeiro rio-grandense**. Para Meyer, “quando o autor do prefácio (João Simões Lopes Neto) apresenta o seu porta-voz (Blau Nunes) e lhe cede a palavra, sentimos que está por acontecer uma transubstanciação literária...”. Além disso, **“os Contos Gauchescos e as Lendas do Sul...acham-se fundamente marcados de verdade humana, transcendendo o círculo restrito do interesse local.”** Ninguém, até então, sondara de forma tão intensa e profunda a criação literária do autor nasci-

do em Pelotas. Reconhecendo a relevância e a primazia de Meyer, na análise madura e consistente da ficção simoniana, o professor Luiz Augusto Fischer imputou-lhe, com muita justiça, a responsabilidade **“por soprar nas brasas da obra de Simões Lopes Neto, naquela altura quase letra morta.”** Anos depois, outro mestre da literatura gaúcha, também penetrando no âmago do seu processo criativo, acrescentaria elementos críticos substanciais ao fazer literário de Simões. Não era meu propósito, neste exato instante, invadir o futuro, mas abro parênteses para homenagear o Professor Doutor Flávio Loureiro Chaves, que tanto honra esta casa com sua presença e seu saber, e a quem se deve o irrefutável enriquecimento dos estudos sobre a obra de Simões. Retorno aos anos quarenta do século passado, para reiterar que o pequeno livro de Augusto Meyer serviu como grito de “reponte” para um grande “rodeio” de artigos, ensaios e comentários sobre os livros de João Simões Lopes Neto.

Notem, entretanto, que só fiz referências a estudos sobre a obra do genial criador do *Negrinho do Pastoreio*. Nada mais tentei repercutir que a inicial evolução da crítica sobre o conteúdo dos seus livros mais notáveis. Quem era João Simões Lopes Neto? Na verdade, passou-se a conhecer a criação, antes mesmo de saber-se algo sobre o criador. Além das restritas fronteiras municipais, havia total desinformação sobre o homem, sua família, suas ocupações, sua personalidade e idiossincrasias.

A Livraria do Globo, desde os tempos de Laudelino Pinheiro Barcellos, que a fundara em 1883, situada na rua da Praia, tornou-se lugar de referência, em Porto Alegre. Ponto de encontro de escritores e do mundo letrado, teve momentos de verdadeira incandescência cultural. Na década de vinte, sob o comando de José Bertaso, contava com a atuante participação de João Pinto da Silva e de Mansueto Bernardi, editando o *Almanaque do Globo*. Depois, a partir de 1930, com a coordenação de Henrique Bertaso e Érico Veríssimo, com solidez financeira e com a *Revista do Globo* ganhando popularidade. Encontrou o filão de ouro nas traduções e edições de novelas policiais, dos grandes autores universais e nos livros didáticos. Possuía filiais nos principais municípios do Estado e escritórios no Rio e em São Paulo, o que lhe favorecia ampla distribuição. Em meados dos anos quarenta, a empresa chegou a estar entre as três maiores do Brasil. Sempre editou autores gaúchos e, em 1945, em pleno esplendor de sua atividade, a Globo resolve reunir, em uma coleção, alguns nomes de maior expressão nos estudos históricos e literários do Rio Grande. Em crescente valorização literária, a obra escolhida para inaugurar a chamada Coleção Província da Editora Globo foi justamente a de João Simões Lopes Neto. Fazia-se necessário, todavia, conhecer a vida do autor que há 30 anos desaparecera do mundo dos vivos.

Para o cumprimento da tarefa, ou da reportagem, como ele próprio preferia dizer, foi encarregado CARLOS REVERBEL, colaborador da empresa e secretário de redação da revista *Província de São Pedro*. Com pouco mais de trinta anos de idade, tinha em seu currículo experiências jornalísticas em Santa Catarina, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, onde trabalhava na Empresa Jornalística Caldas Júnior.

A partir de sua ida para a cidade de Pelotas, valho-me das próprias informações de Carlos Reverbel, em diversas crônicas publicadas em livros, na imprensa gaúcha, no *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro e, especialmente, no excelente livro de memórias que nos legou, elaborado sob a criteriosa orientação da jornalista Cláudia Laitano.

Sem a riqueza proveniente da exploração do charque, com o fechamento do Banco Pelotense, com o desaparecimento paulatino de velhos edifícios, de monumentos, de editoras e livrarias, sofrendo também algumas consequências da crise mundial ocasionada pela segunda grande guerra, a Pelotas em que Reverbel aportaria, nem de perto lembrava a fisionomia, os momentos de grandeza e apogeu que a diferenciaram no final do século dezenove e início do seguinte. Mas, certamente, encontraria, nos pelotenses, os inconfundíveis sentimentos de orgulho e de altanaria, a polidez que encanta, a elegância que distingue. A acolhida somente não foi mais simpática porque ele foi incumbido de mexer numa verdadeira caixa de marimbondos. Munido de um cartão de apresentação, assinado por seu amigo Manoelito de Ornellas, Reverbel foi bater à porta da casa de D. Francisca, a viúva de Simões Lopes, conhecida na cidade, carinhosamente, por *Dona Velha*. Ela, que vivia ainda com muitas carências, trabalhando no Conservatório de Música da cidade, onde recebia pequeno salário, andava desconfiada e assustada com esbulhos ocorridos no que restara do patrimônio literário do marido. Destas espoliações, que Mozart Russomano atribuía aos “corvos do espírito”, ela já havia se queixado para Manoelito e, quando soube a razão da visita, só faltou colocar Reverbel porta afora. A má recepção, em nenhum momento, arrefeceu-lhe o ânimo e o ímpeto inicial. Resolvido a varar o tempo, invadindo o passado, para descobrir os caminhos percorridos por Simões Lopes Neto, iniciou um procedimento que poderia definir-se como jornalismo investigativo. Teve sorte. Entre os seus contemporâneos, Carlos Reverbel foi encontrar Francisco de Paula Cardoso que havia sido amigo e protegido do escritor. Muito reconhecido a Simões Lopes Neto, contaria, anos depois, que era carpinteiro e que, pelas mãos dele, foi levado a estudar e a formar-se na Academia de Comércio. Foi Francisco quem conduziu Carlos Reverbel a um daqueles velhos e abandonados casarões de Pelotas, onde, no sótão, encontrou, entre outros papéis, um volume encadernado

do jornal *Correio Mercantil*. Deste jornal, fundado por Antonio Joaquim Dias, Simões fora diretor em 1914 e nele, além de uma pequena novela urbana, em 1906, com o jornal já pertencente a seu tio Augusto Simões Lopes, publicou o *Negrinho do Pastoreio*, talvez o mais conhecido e elogiado dentre os seus trabalhos literários. No volume empoeirado do jornal, agraciado ainda pelos desígnios do destino benfazejo, Carlos Reverbel encontrou, publicado em folhetim, o texto completo dos *Casos do Romualdo*. Trata-se de uma série de imaginosos e inverossímeis relatos atribuídos à criatividade e à verve jocosa do engenheiro Romualdo Abreu e Silva, cognominado de *Munchausen Crioulo* por Reverbel, aos quais Simões ofereceu acréscimos e a marca insuperável do seu estilo. Este era um dos originais que Dona Velha dizia ter sido confiado a um literato rio-grandino para prefaciá-lo e, como nunca houvesse ocorrido devolução, não teria restado qualquer outra cópia. Certo de que já contava com um poderoso elemento de persuasão, para que a velha senhora resolvesse abrir-lhe a porta para a pesquisa, o jornalista, com uma cópia datilografada dos “Casos”, retornou à sua residência. Desconhecendo a publicação e advertida de que não testemunhara os desdobramentos da carreira literária do marido, a velhinha, tomada de surpresa e vergonha, possibilitou-lhe a consulta que tanto almejava. Num velho baú de lata, entre descolorados papéis, Reverbel destacou um original manuscrito com *recordações da infância*. Graças a descobertas posteriores, sabe-se que o inédito constituía uma parte de um caderno de registros da infância, no campo e no colégio, que o escritor pretendia publicar, integrando seu projeto pedagógico. Acredito que, a partir daquela data, Carlos Reverbel vinculou, definitivamente, sua existência à vida e à obra de Simões Lopes Neto. Com sua educação e afabilidade, passou a trocar correspondência com Dona Velha e dela veio a tornar-se amigo, prestando-lhe auxílio em diversas ocasiões e dela recebendo, entre outras lembranças, o citado manuscrito que, atualmente, integra o arquivo deste Instituto. A Biblioteca Pública Pelotense, fundada em 1875, cuja riqueza e perenidade confundem-se com as do acervo que ela abriga e protege, foi outro ponto cultural que acolheu o pesquisador. Ali Reverbel debruçou-se diante de livros e de antigas coleções de jornais que lhe permitiram seguir cada passo da efêmera, muitas vezes desastrosa, mas sempre cativante caminhada terrena de João Simões Lopes Neto. A cada revelação mais seu espírito identificava-se com as circunstâncias envolventes daquele que, até então, era admirado sem ser conhecido. E, ao mesmo tempo, em que removía o véu com que estava encoberta a existência do escritor, Reverbel, conduzindo-o para além dos lindes municipais, enriquecia, com suas argutas observações, os órgãos de imprensa em que colaborava.

Poucos anos depois, em 1949, como resultado destas pesquisas, Simões

reapareceria aos olhos de todos, naquele que pode ser considerado o momento culminante do seu ressurgimento literário. A Editora Globo dava início à sua coleção “Província” com os *Contos Gauchescos e Lendas do Sul* em edição conjunta. As apresentações, já ampliadas e refeitas, couberam ao crítico gaúcho Augusto Meyer. A linguagem e o estilo foram examinados pelo filólogo alagoano Aurélio Buarque de Hollanda. É que havia outra dificuldade a ser transposta: a da linguagem dialetal usada pelo autor da obra. Este linguajar típico do gaúcho rio-grandense transformava-se em empecilho à leitura. Alvaro Lins, pernambucano, acadêmico e diplomata, autor de alentada biografia de Rio Branco, em 1946, na 4ª série de seu precioso *Jornal de Crítica*, não escondia o embaraço e situava bem o problema: *Confesso que jamais pude compreender e sentir de modo completo a arte de Simões Lopes Neto. A sua linguagem regionalista constitui um obstáculo quase invencível. Quase direi que para entendê-lo será preciso o aprendizado de uma nova língua, a sua língua.* Por isso a editora incumbiu Buarque de Hollanda, então já conhecido dicionarista, para a análise lingüística da obra e do glossário que acompanha a edição. Do posfácio, com o título de *Esboço biográfico em tempo de reportagem*, encarregou-se, como não poderia deixar de ser, o jornalista Carlos Reverbel. O trabalho de Reverbel, dando a conhecer aspectos, até então desconhecidos, da vida de João Simões Lopes Neto, fora também publicado, com algumas modificações, na Revista Província de São Pedro. A edição crítica, além de aportes tão importantes para a perfeita compreensão do texto, do exame das fontes do autor e do vocabulário ilustrado, trazia como verdadeira e festejada novidade, um conto inédito de Simões. No dia de Natal de 1913, o jornal *A Opinião Pública* saía às ruas de Pelotas, numa edição especial comemorativa à data. Na sua roupagem rósea, entre muitas outras matérias, lá no final, estava o conto *O “Menininho” do prezépio*, assinado por J. Simões Lopes Netto e abaixo da assinatura, como a desafiar a curiosidade dos futuros estudiosos de sua obra, constava – *Contos Gauchescos – 2ª serie*. Naqueles idos, é bem possível que diante da riqueza da edição, dos inúmeros votos congratulatórios, dos variados temas concernentes à vida local, poucos percebessem a apurada e rigorosa construção literária do conto do conterrâneo. Do pesquisador Carlos Reverbel, o atilado e atento cultor de sua obra, a publicação não passaria sem ser notada, admirada, recolhida e salva. Muitas outras foram as exumações do futuro biógrafo. Perseguiu cada pista e cada momento da vida, até certo ponto desditosa, do homem; ordenou, entre seus achados, a multifacetada atividade teatral, jornalística e literária do escritor; concluiu que o homem derrotado ao longo da existência seria consagrado, depois de morto, pelos louvores da posteridade. Descreveu-o, de modo muito feliz, como um **escritor municipal** e, acolhendo afirmação

do próprio Simões, em tom confessional, não lhe fugiu a constatação de que, apesar de toda a exuberância de sua obra, não passara em vida de um simples **Capitão da Guarda Nacional**.

Se outorgo total razão ao Professor Luiz Augusto Fischer quando afirmou que Augusto Meyer, lá em 1943, “soprou nas brasas da obra de Simões, naquela altura quase letra morta”, não tenho também qualquer dúvida ao sustentar que o responsável por manter a chama acesa, viva e crepitante, até a sua morte, foi Carlos Reverbel.

Desde o seu desembarque, naquele inverno frio e úmido de Pelotas, em 1945, até a publicação da excelente biografia com que fomos brindados por sua dedicação e inteligência, transcorreram, aproximadamente, 35 anos. As idas e vindas, os contatos, os relacionamentos, a coleta de informações, no mesmo passo em que lhe enriqueceram a bagagem de conhecimentos, sobretudo a respeito de Simões Lopes Neto, marcaram-lhe indelevelmente toda a existência. Afeiçãoou-se de tal forma a Pelotas que não hesitou em afirmar categoricamente: *Nasci em Quaraí, fui criado em São Gabriel, mas a cidade dos meus amores é Pelotas*. E, em relação ao **nosso Capitão**, como gostava de dizer, quando indagado porque demorara tanto para redigir-lhe a biografia, entre outros inúmeros e possíveis argumentos, confessava que, **na verdade, talvez acreditasse, que, escrevendo o livro, seria como despedir-se de um velho amigo**.

Reverbel e os *Contos Gauchescos*, obra máxima de João Simões Lopes Neto, nasceram juntos. Ele em julho e ela em setembro daquele distante ano de 1912 do século passado. Ambos têm agora seus centenários lembrados e comemorados. Ela, imperecível pelo vigor de sua expressão em nossa literatura regional. Ele, presença constante pela vida exemplar, pelo devotamento, pela bondade.

Ao finalizar, usando, para Carlos Reverbel, a mesma imagem que Augusto Meyer utilizou para Simões Lopes Neto, extraída do conto Juca Guerra, eu repetiria “**o coração devia ser-lhe mui grande, devia encher-lhe o peito todo, de bom que era**”.